

Zibia Gasparetto

pelo espírito **Lucius**



ninguém
é de
ninguém

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



1

NINGUÉM É DE NINGUÉM

ZÍBIA GASPARETTO

DITADO PELO ESPÍRITO LÚCIUS

2

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

3

Capítulo 1

Roberto chegou em casa confuso, irritado, batendo a porta com força.

Naquele dia fora submetido a um processo de autodestruição e pensava raivoso:

“Isso não vai ficar assim. Não posso tolerar ter sido feito de bobo pela pessoa em quem mais confiava. Quem poderia imaginar que, depois de me alisar a vaidade com elogios e tapinhas nas costas, ele acabasse por me apunhalar sem dó nem piedade?”

Dentro da sala espaçosa, decorada com simplicidade e sem muitos adornos, ele andava de um lado para outro, como fera acuada, dando vazão a

seu mau humor e a sua revolta.

Sentia a cabeça pesada, doendo, como se a testa estivesse sendo apertada sem cessar por um círculo de ferro. Seu estômago queimava, e o almoço

que engolira rapidamente havia mais de cinco horas ainda não tinha sido completamente digerido, provocando de vez em quando uma sensação de azedume em sua garganta.

Foi ao banheiro e procurou um vidro de sal de frutas. Depois dirigiu-se à cozinha, colocou água num copo e despejou um pouco do remédio, ingerindo-o em seguida. Sentiu um arrepio no corpo e fez uma careta desagradável.

Se ao menos o mal-estar passasse! Ele precisava se acalmar. Havia uma situação difícil para enfrentar, e Roberto precisava estar com saúde. Tinha família para sustentar. Dois filhos na escola: Maria do Carmo com cinco anos e Guilherme com sete. Ele fora contra a idéia de enviar Maria do Carmo para a escola aos dois anos de idade. Mas Gabriela trabalhava e não queria deixar o emprego de forma alguma.

Quando se casaram, oito anos atrás, ele se empenhou de todas as formas para que ela deixasse a empresa onde trabalhava como secretária. Afinal, ele havia montado um negócio próprio que lhe rendia bom dinheiro. Mas Gabriela foi irredutível. Não ia largar o emprego do qual tanto gostava. Ela dava muito valor à sua independência e gostava de ganhar o próprio dinheiro.

Roberto não concordava com isso. Mulher casada precisava tomar conta do lar. Ele tinha condições de arcar com as despesas. No fundo, sentia ciúme. Saber que Gabriela, todos os dias, durante a maior parte do tempo, estava em companhia de outros homens, chegava a tirar-lhe o sono.

Apaixonara-se por ela desde o primeiro dia. Alta, cabelos louro-escuros, olhos verdes, boca carnuda e vermelha, corpo elegante e bem-feito, pele cor de pêssego levemente rosada, Gabriela representava para ele o máximo da atração.

Quando, depois de muita insistência, ela aceitou sair com ele pela primeira vez, Roberto sentiu-se o homem mais feliz do mundo. Namoraram durante dois anos. Ele confiava nela. Era moça honesta e de bom comportamento. Porém percebia claramente o quanto ela despertava a atenção masculina quando passava indiferente, desfilando sua beleza.

Ele fez de tudo para que ela desistisse de trabalhar depois do casamento.

Mas ela foi taxativa:

— Não sou o tipo de mulher dependente. Trabalho desde os quinze anos.

Eu me sentiria muito mal se tivesse que depender do seu dinheiro. Sou competente para cuidar de mim. Depois, não gosto dos trabalhos domésticos.

Não tenho jeito para certos serviços. Por isso, vou continuar trabalhando

4

depois do nosso casamento. Esse é para mim um ponto muito importante.

— Pense em mim, em como vou ficar nervoso imaginando você lá, junto com todos aqueles homens. Tenho certeza de que muitos dão em cima de você mesmo sabendo que é cómprometida.

Imagino o que farão depois que for casada!

Gabriela fulminou-o com o olhar:

— Estou com você porque o amo. Escolhi me casar com você. Isso deve

ser suficiente. Que me importa o que os outros pensam? A malícia é deles. Eu sei o que quero da minha vida e o que vou fazer com ela. Se não pode entender isso, sinto muito, mas você não tem condições de se casar, nem comigo nem com qualquer outra mulher.

Roberto sentiu um aperto no coração e resolveu temporizar. Sabia que ela às vezes era intransigente. Não desejava perdê-la. Por isso concordou a contragosto. Entretanto, guardava a esperança de que quando tivessem filhos ela acabasse por desistir. Afinal, cuidar de crianças era coisa trabalhosa, e as mulheres, na maioria, mudavam muito quando se tornavam mães.

Porém Gabriela não mudou. Teve dois filhos, planejou tudo com cuidado e conseguiu continuar trabalhando. Ele tentava convencê-la a ficar em casa, cuidar das crianças, mas ela arranjou uma creche, ao contrário do que o marido e a sogra queriam.

D. Georgina implicava com a nora por causa disso. Nunca vira mulher tão teimosa e determinada.

Dissimulava, porém, seus sentimentos para que o filho não se indispusse com ela. Sabia como ele era apaixonado por Gabriela. Mas, dissimuladamente, a pretexto de estar sentindo saudade, ia à creche ver as crianças, todavia era para descobrir alguma falha, algum problema que pudesse fazer com que a nora resolvesse deixar o emprego e ficar em casa cuidando dos filhos.

Enquanto o casal estava trabalhando, durante o dia, Georgina ia muitas vezes à casa deles, sob qualquer pretexto, para verificar se tudo estava bem

cuidado.

A empregada fingia não perceber a intenção quando Georgina subia nos quartos do casal e das crianças, abria as gavetas e olhava tudo. Nicete sorria satisfeita ao perceber a frustração da velha senhora por não encontrar nada que pudesse criticar. Esse, aliás, havia se tornado um ponto de honra para Nicete, que trabalhava com Gabriela desde o casamento e gostava muito de sua patroa.

Gabriela era objetiva, falava logo como queria as coisas; se não gostava de algo, chamava a empregada e colocava-se de maneira clara, explicando-lhe por que desejava daquele jeito. Ela era muito exigente, mas Nicete preferia assim. Quando caprichava, ela elogiava, e isso era para ela o maior prêmio, porque sabia que, se não estivesse bom, a patroa diria logo o que pensava. Depois, Nicete sentia-se respeitada. Gabriela conversava com ela de forma clara, direta, e não ficava falando mal dela pelas costas, como muitas patroas que Nicete conhecia.

Quando os patrões estavam fora, ela caprichava mais ainda na arrumação, desejando até que Georgina aparecesse, para gozar da satisfação de vê-la contrariada.

Durante todos aqueles anos de casamento, Roberto teve de engolir o ciúme, dissimular.

5

Gabriela nunca lhe dera motivo de queixa. Tinha suas roupas bem cuidadas a tempo e a hora, comida boa e caprichada, as crianças estavam

saudáveis, alegres e bem alimentadas.

Sentou-se em uma cadeira e passou nervosamente a mão pelos cabelos. E agora, o que seria dele? Teria de falar com a esposa, contar-lhe a verdade. O que faria para sobreviver?

Ele trabalhava com construção. Tinha um depósito de materiais e sempre sonhara em montar outra empresa, construir casas para vender. Durante anos fizera os cálculos e sabia que construir dava muito dinheiro. Sonhava enriquecer, melhorar de vida. Talvez então Gabriela se resolvesse a deixar o trabalho e, quem sabe, trabalhar com ele. Era uma maneira de conseguir finalmente o que desejava. Por que não? Se ele tivesse uma grande empresa, ela certamente poderia ajudá-lo. Teria um salário bom e tudo ficaria resolvido. Mas ele precisava de capital. Foi quando conheceu Neumes, engenheiro civil que construía um grande prédio de apartamentos para uma empresa que comprava o material em seu depósito.

Conversaram muito. Roberto confidenciou seus projetos para o futuro e Neumes o ouviu com entusiasmo, ajudando-o nos cálculos dos lucros. Em pouco tempo uma amizade nasceu entre eles, e tanto o engenheiro quanto a esposa passaram a freqüentar a casa de Roberto.

Sempre que podia, Neumes falava com entusiasmo sobre os projetos. Não havia como dar errado. Era lucro certo. Resolveram fazer uma sociedade e começar a empresa. Para isso Roberto vendeu duas propriedades que possuía, construiu três salas e banheiro no terreno ao lado do depósito e lá instalaram a nova empresa.

Neumes estava construindo um prédio de apartamentos com outro engenheiro e ficou de integralizar sua parte do capital à medida que os imóveis fossem sendo vendidos. Roberto correu com as primeiras despesas, e a empresa foi montada. Neumes apresentou-lhe o dono de um grande terreno interessado em construir nele um prédio. Assinaram um contrato estabelecendo que, dos trinta e cinco apartamentos que seriam construídos, o dono do terreno receberia dez em pagamento pela sua propriedade.

Tudo parecia ir bem. Neumes entrou com pequena parte do seu capital, Roberto com tudo quanto possuía, e o projeto começou. Fizeram as plantas, aprovaram e começaram a vender os apartamentos.

Não estava fácil, porquanto a inflação alta obrigava a aumentos sucessivos de preço, mas mesmo assim o dinheiro começou a entrar no caixa, e Roberto não se cabia de satisfação.

Neumes tornou-se seu companheiro inseparável. Iam ao futebol, às corridas de carro, aos restaurantes nos fins de semana com as esposas. Tudo estava correndo muito bem. O engenheiro dizia que estava cuidando das providências iniciais. O estaqueamento do terreno, os alicerces iam bem. Roberto, orgulhoso, ia vistoriar a obra e dizia:

— Não vejo a hora em que o prédio comece a subir. Por enquanto é só alicerce.

Ao que Neumes sorria e retrucava:

- Essa é a parte mais difícil, porque não aparece. Precisa de paciência.

Logo estaremos começando a levantar as paredes.

Roberto sorria feliz vendo seu nome colocado na placa do lado de fora do pequeno pavilhão de vendas que Neumes montara. Mas o tempo foi passando

6

e Roberto achou que a construção estava demorando demais. O preço era barato, os apartamentos muito espaçosos, por isso eles já haviam vendido vinte e oito unidades, recebido bom dinheiro, o bastante para acelerar a construção, ao que Neumes retrucava:

— Estou tendo dificuldade de conseguir mão-de-obra qualificada. Mas estou contratando mais gente e vamos alavancar o projeto.

Gabriela vivia dizendo ao marido:

— Se eu fosse você, cuidava dessa construção pessoalmente. Tudo está nas mãos de Neumes.

Você confia demais nele.

— Há o contador tomando conta de tudo.

— O contador que ele arranjou.

— Deixe de ser implicante. Neumes caiu do céu. Um engenheiro de alto padrão, como ele, está se dedicando a um negócio com alguém como eu, que nem sequer tem capital.

— Você é quem sabe. O negócio é seu.

— Eu quero que você venha trabalhar em nossa empresa.

— Por enquanto não. Meu salário é alto e vocês ainda não têm como pagar.

Quando chegar a hora, veremos. Por enquanto é cedo.

— Como você é intransigente! O que custa ganhar um pouco menos e vir

nos ajudar?

— Não vou fazer isso agora. Vamos deixar o tempo correr.

— Se tudo estiver bem, você virá?

— Veremos.

Roberto passou a mão novamente nos cabelos. E agora, o que lhe diria?

Havia alguns dias ele recebera uma intimação judicial. Sem saber do que se tratava, conversou com Neumes, que garantiu que deveria ser algum engano. Dois dias depois, Neumes recebeu um telegrama de seu pai, que morava no interior, pedindo-lhe que fosse ter com eles porque sua mãe estava muito mal. O engenheiro viajou imediatamente.

Por que não percebera o jogo dele? Como fora tão ingênuo a ponto de entrar naquele negócio? Comparecendo à audiência, tomou conhecimento de que algumas pessoas que haviam fechado negócio com os apartamentos haviam reclamado do não-cumprimento do contrato e pediam o dinheiro de volta. O juiz deferiu o processo e a empresa teria de cumprir a sentença. Nervoso, ele foi ao banco e lá descobriu que, antes de viajar, Neumes retirara todo o dinheiro da empresa. Desesperado, procurou pelo contador e descobriu que ele também desaparecera. Foi ao apartamento do engenheiro, e estava vazio. Ele havia se mudado sem deixar endereço.

Roberto enterrou a cabeça nas mãos, desesperado. Onde arranjar o dinheiro que teria de devolver aos compradores? Se ao menos ele tivesse como acabar a construção e entregar os apartamentos... Mas com que recursos? A conta bancária estava zerada.

Ele se deu conta de que estava arruinado. Mesmo vendendo o depósito de materiais, não teria o suficiente para pagar o que devia. Seria a falência, a vergonha, talvez até a prisão. Precisava consultar um advogado, era preciso fazer alguma coisa. Mas em quem confiar numa hora dessas?

O advogado que conhecia fora apresentado por Neumes, e ele seria a última pessoa em quem confiaria.

Pensou em pedir a ajuda de alguém. Um por um, todos os parentes e

7

amigos foram desfilando em seu pensamento. Conscientizou-se de que nenhum deles possuía recursos para lhe emprestar.

Havia o projeto. Se encontrasse um sócio que pudesse liquidar o montante da dívida, tudo ficaria resolvido. Mas e a construção, quem financiaria? Ele poderia vender sua parte, isto é, sair do negócio sem receber nada. Se conseguisse salvar o depósito e pagar as dívidas, já seria um sucesso!

Mas onde encontrar a pessoa certa, que, além de ter recursos, se interessasse por um negócio mal começado?

Roberto pensou, pensou e resolveu. O primeiro passo seria colocar um anúncio no jornal.

Tinha algum dinheiro em sua conta pessoal. Depois iria procurar um advogado para uma consulta. Talvez sua mãe pudesse lhe indicar um.

Apanhou lápis e papel e escreveu o anúncio.

Decidido, saiu e, depois de passar pelo jornal, foi à procura de sua mãe.

Vendo-o aparecer em hora tão inusitada, Georgina assustou-se:

— Você aqui a esta hora! Aconteceu algo com as crianças?

— Não. Elas vão bem. Eu é que preciso da sua ajuda.

Você está com uma cara! Foi com Gabriela?

Não. Foi comigo mesmo. Estou desesperado. Aconteceu uma coisa horrível. Preciso de um bom advogado. Você conhece algum?

— Advogado! Valha-me Deus! O que foi que você fez?

— Nada. Eu não fiz nada. Fui vítima de um desfalque! Neumes fugiu com o dinheiro da empresa e a justiça me condenou a devolver tudo que os compradores pagaram! Estou arruinado!

— Santo Deus! É o que dá querer ser mais do que é! Por que tanta ambição? Você não estava bem com o que ganhava?

— Acho que errei vindo buscar sua orientação. Eu preciso de ajuda, não de crítica. Se eu soubesse com quem estava me metendo, nunca teria feito esse negócio. Ele é um engenheiro!

Nunca pensei que fosse querer me passar a perna desse jeito.

Roberto levantou-se nervoso e finalizou:

— Vou embora. Foi um erro vir aqui.

- Não. Vamos ver o que se pode fazer. Vamos conversar. Conte tudo como foi.

Roberto relatou os fatos com detalhes enquanto Georgina balançava a cabeça com ar de quem já esperava o trágico desenlace, o que deixava

Roberto ainda mais nervoso.

— Na verdade, o que preciso de você é saber se conhece algum bom advogado. É só isso que eu quero agora.

Ela pareceu nem ouvir:

- O que disse Gabriela?

— Ela não sabe ainda. E o advogado? Conhece alguém ou não?

- Assim de pronto, de confiança mesmo, não sei. A coisa mais difícil é arranjar um advogado honesto. Estão sempre querendo nos enganar. Eles conhecem as leis, enquanto nós, não.

— Já vi que não vai poder me ajudar. Vou embora.

— Espere um pouco. Vou fazer um cafezinho. Precisa se acalmar.

— Não estou com paciência para esperar nada. Vou embora, para ver o que posso fazer.

Enquanto ela protestava pedindo que ele tivesse calma, Roberto saiu

8

sentindo aumentar seu desespero. Parou em uma banca e comprou um jornal. Na seção de classificados, procurou atentamente por escritórios de advocacia. Teria de ver os anúncios e arriscar. Ele não estava em condições de perder tempo.

Depois de escolher um escritório no centro da cidade, dirigiu-se para lá.

Havia uma pessoa dentro da sala do advogado e outra na sala de espera. Ele teria de aguardar.

Seus olhos percorreram a sala. O ambiente era sóbrio, sem luxo porém bem cuidado. Ele nunca iria a um escritório de luxo. Não estava em condições de pagar muito pela consulta. Mas, por outro lado, um advogado pobre não lhe inspiraria confiança. Era sinal de que ele não tinha muitos clientes e por isso

não deveria ser eficiente.

Remexeu-se na cadeira tentando acomodar-se melhor. Parecia-lhe haver escolhido bem. Uma hora e meia depois, quando entrou na sala do advogado, já não suportava mais esperar.

O Dr. Paulo era um homem dos seus trinta e cinco anos, alto, rosto forte de traços bem pronunciados, olhos castanho-escuros que pareciam mais claros quando ele os apertava um pouco para fixar-se em seu interlocutor quando sorria.

Convidado a sentar-se, Roberto respirou fundo e contou-lhe tudo quanto lhe havia acontecido.

O advogado ouviu-o com atenção, o que fez Roberto sentir-se confortado e compreendido.

— Hoje o meu mundo desmoronou — finalizou. — Estou me sentindo perdido. Não sei como proceder. Estou arrependido de haver confiado tanto nele, sinto-me um tolo, um idiota de boa-fé que foi passado para trás sem nenhuma cerimônia. O pior é que minha mulher ainda não sabe de nada.

Contar-lhe será um horror. Ela sempre desconfiou dele.

— Avalio como se sente. Entretanto, agora, precisa controlar as emoções e procurar uma saída. A lei oferece-lhe algumas alternativas. Já deu queixa à polícia?

— Queixa à polícia? Claro que não. Será um escândalo. Não quero passar essa vergonha.

— O orgulho é inimigo do bom senso. Você precisa documentar o

desfalque. Embora isso não lhe anule a dívida, poderá melhorar suas condições diante do juiz. Precisa provar que foi ludibriado e não agiu de má-fé.

— Claro que não agi. Eu fui enganado, terminei como o maior prejudicado!

Você poderia ter combinado com seu sócio para lesar essas pessoas e depois dividir o dinheiro.

— Eu sou um homem honesto! Nunca faria isso!

— Eu acredito, mas o juiz pode duvidar. Ele não o conhece e precisa de informações para julgar com justiça. Seu advogado vai precisar de documentos para entrar com recurso, e o mais importante deles é a queixa na polícia para registrar o roubo.

— Entendo. Terei que fazer isso?

- É o primeiro passo. Depois, pode visitar os credores, um a um, contar-lhes a verdade e pedir-lhes um tempo para devolver o dinheiro, o que poderá ser feito de forma parcelada, de acordo com suas posses.

— Se eu tiver que vender o depósito de materiais, não terei como ganhar dinheiro para lhes pagar.

9

— Esse será um bom argumento para usar com seus credores. Eles desejam receber. Você precisa mostrar boa vontade e o desejo de lhes pagar. Um acordo bem-feito poderá beneficiar ambas as partes.

— O senhor acha que podemos conseguir isso?

— Seu advogado poderá tentar.

- Não tenho advogado, ou melhor, o que eu tinha foi-me indicado pelo meu

sócio. Não me sinto encorajado em dar-lhe a causa. Vim procurá-lo através do seu anúncio no jornal. Gostei.

Estou sentindo que o senhor poderá me ajudar e gostaria de contratá-lo.

Estô preocupado com o preço, porque no momento minha situação é crítica.

Se esperar um pouco até que as coisas melhorem, pagarei tudo que puder.

Paulo sorriu ao responder:

Você poderá pagar os meus honorários no final.

— Sendo assim, fico-lhe muito grato.

— Vamos fazer o seguinte: vou mandar preparar uma procuração, como de praxe, e depois iremos à delegacia mais próxima da sua empresa fazer oficialmente a queixa. Tem as informações sobre seu sócio?

— Eu não sei onde ele está.

— Não é isso. Refiro-me ao nome completo, idade, número de documentos, etc.

— Devo ter tudo isso na empresa. Além do contrato social, há os documentos de compra e venda dos apartamentos. Não será difícil conseguir.

— Tem consigo seus documentos?

—Tenho.

O advogado chamou a secretária e deu-lhe as instruções e os documentos de Roberto.

Enquanto esperavam, mandou servir um café. Roberto sentia-se apoiado e agradecido.

Retirou uma foto da carteira e mostrou-a ao advogado.

— Estes são meus filhos. Esta é minha esposa. É por eles que eu trabalho e vivo. Nem sei como dar essa notícia a Gabriela.

Quanto menos dramatizar, melhor será.

— Como assim?

— Se deseja que eles aceitem a verdade com calma, você precisa apresentar os fatos com naturalidade, contar o que aconteceu e não se lamentar.

— Como não lamentar um caso desses?

- Você já sofreu com o fato em si. Mas aumentar o sofrimento de sua família não vai melhorar em nada a questão. As coisas vão continuar do jeito que estão. Se deseja poupar sua esposa, o melhor é conservar a serenidade, mostrar que tomou as providências cabíveis e que está fazendo o que pode para solucionar tudo. Isso é o mais importante. Para que alarmar sua família inutilmente?

Roberto não respondeu e ficou pensativo. Para o advogado, que estava de fora e nada tinha a ver com o caso, isso poderia ser fácil. Mas ele, que fora a vítima, não se sentia calmo o bastante para falar no assunto com serenidade. Sua vida se desmoronara, como se manter calmo?

Depois de haver assinado a procuração, Roberto, em companhia de Paulo, passou na empresa, apanhou os dados de que precisava e foram até a delegacia dar queixa.

se submeter àquela situação. Parecia-lhe que o policial que datilografava suas declarações assumira um ar de deboche quando ele narrava os fatos. Sentia vontade de sair dali correndo, desistir de tudo. Entretanto, a presença ereta e séria do advogado infundia-lhe coragem.

Ao deixarem a delegacia, Roberto apanhou o lenço e enxugou o suor do rosto. Fora-lhe muito penoso dar queixa. Na porta, foram abordados por um repórter que desejava mais informações sobre o caso. Roberto queria ir embora, não dizer nada, porém Paulo o impediu. Prestou os esclarecimentos enquanto o jornalista anotava tudo.

Quando saíram, Roberto considerou:

— Por que parou para falar com eles? Vai sair no jornal, será uma vergonha! Eu não queria que ninguém soubesse.

— Ao contrário. É melhor que saibam a verdade. Não há como encobrir. Os credores vão falar, as notícias vão correr de qualquer forma. Não se esqueça de que você não fez nada. Não roubou ninguém. Não tem do que se envergonhar. Você foi enganado. Está pagando pela ingenuidade. Errar é humano. Depois, quanto mais propagarmos o desfalque e a fuga do seu sócio, mais estaremos tirando sua responsabilidade. Você foi a maior vítima. Todo mundo vai ficar com pena de você, até os seus credores. Isso é fundamental para negociarmos com eles.

Apesar de sentir-se humilhado, Roberto foi forçado a concordar. Ele era o advogado, sabia o que estava fazendo. Despediram-se combinando um encontro no dia seguinte.

Havia anoitecido quando Roberto chegou em casa. Pelo caminho foi se esforçando para controlar a emoção, preparando-se para dar a notícia a Gabriela conforme Paulo recomendara. Ele estava certo. Assustar a família não iria melhorar a situação.

Mas logo que entrou em casa percebeu que isso não seria possível.

Georgina estava lá e, assim que o viu, correu para ele dizendo:

- Graças a Deus que voltou! É tarde, pensei que tivesse feito alguma besteira, que houvesse acontecido alguma desgraça! Ainda bem que voltou para casa!

Gabriela vinha atrás dela, com as crianças agarradas à sua saia com ar assustado.

- Eu não disse que a senhora estava exagerando? Não há nada. Vamos nos acalmar.

Roberto arrependeu-se amargamente de ter ido à procura da mãe. Foi dizendo logo:

- Não houve nada mesmo. Por que estão tão assustadas? Está tudo bem. Tudo sobre controle.

— Mas, filho, você não disse que seu sócio fugiu com todo o dinheiro e que você terá que pagar os compradores dos apartamentos?

— Mãe, deixemos esse assunto para mais tarde. Estou cansado. Não precisava falar disso agora.

— Quer dizer que eu me preocupei à toa? Você vai à minha casa desesperado, me deixa preocupada e agora diz que está tudo bem, que não

precisava falar nisso? Como não? Acha que sou de feno? Eu me preocupo com o que acontece com minha família. Ou acha que não?

— Eu sei que você se preocupa, que nos quer bem. Mas veja: as crianças

11

estão nervosas.

Parece até que aconteceu uma desgraça. Vamos nos acalmar. Depois conversaremos.

Gabriela olhou para eles com raiva. Por que o marido fora à procura da mãe para se queixar ao invés de falar com ela, a esposa? Se ele tivesse feito isso, não teria de agüentar a sogra, que a fizera sair do emprego mais cedo, afirmando que Roberto estava arruinado e à beira do suicídio.

Gabriela sentia ímpetos de expulsar a sogra, e fez um grande esforço para se controlar, já-que seria pior se as crianças presenciassem mais uma cena.

Estava pálida e nervosa. Voltou à cozinha para mexer nas panelas, colocando o jantar para esquentar.

Roberto percebeu que Gabriela estava no auge da irritação. Conhecia-lhe aquele ar controlado, aquela palidez que sempre prenunciava tempestade. O que ele precisava fazer era afastar a mãe dali. Por isso, fê-la sentar-se na sala e procurou falar-lhe com calma, embora estivesse no limite da exaustão.

Mãe, arranjei um excelente advogado e tomamos algumas providências.

É melhor se acalmar. Estou muito cansado e agradeceria se nos deixasse descansar. Quero tomar um banho, jantar e dormir. Amanhã irei à sua casa e conversaremos.

Georgina tinha lágrimas nos olhos ao responder:

- Você sabe que estou do seu lado! Sou sua mãe, e tudo quanto lhe acontece é como se fosse comigo.

— Eu sei, mãe. Lamento ter lhe dado preocupação. Vá para casa, descanse. Amanhã vou até lá e conto tudo nos mínimos detalhes.

— Você não vai fazer nenhuma besteira? Senti tanto medo!

— Não, eu juro. Estou calmo, está vendo? Pode ir sossegada.

— Está bem. Então eu vou.

Ela foi até a cozinha, despediu-se da nora e das crianças e saiu. Quando a porta se fechou, Roberto deixou-se cair em uma cadeira, exausto. Ainda lhe restava falar com Gabriela. Foi à cozinha, onde ela remexia as panelas.

— Sinto muito, Gabriela. Deu tudo errado.

De repente, toda a sua tensão desmanchou-se em uma catadupa de lágrimas que lhe desciam pelas faces e ele não conseguia conter. Gabriela olhou diretamente em seus olhos e disse com voz firme:

— Sei de tudo. Não precisa dizer nada. Vá para o quarto e controle-se. As crianças já foram muito traumatizadas hoje. Não agrave mais esta situação tão desagradável.

Roberto ficou indignado. Esperava que ela o confortasse. Vendo que as crianças reapareciam na cozinha, ele correu para o quarto, onde, a portas fechadas, deu vazão à sua frustração, à sua raiva, ao seu desencanto, chorando copiosamente.

Depois, quando se acalmou, olhou-se no espelho e sentiu vergonha.

Estava com os olhos vermelhos, inchados. Não podia aparecer assim diante das crianças. Tomou um banho, depois apagou a luz e deitou-se.

Gabriela entrou e informou que as crianças já haviam jantado e se recolhido.

— Você quer jantar?

— Obrigado, mas estou sem fome.

— Quer conversar?

— Só quero dizer que sinto muito o que nos aconteceu hoje. Estou

12

arrasado, envergonhado. Você tinha razão. Por que não percebi nada?

— Vou buscar um calmante. Você precisa dormir, descansar.

— Não vai querer saber tudo que aconteceu?

— O principal eu já sei.

— Eu procurei um advogado. Ele me orientou e assumiu o caso. Vamos ver o que podemos conseguir. Espero não ter que vender o depósito. Pode ter certeza de que farei tudo para sair desta encrenca.

— Está bem.

— Você não está zangada? Não me culpa?

— Melhor não falarmos nisso agora.

- Mas você está zangada. Eu sei que está.

— Estou me controlando. Chega de confusão. Outra hora, quando estivermos mais calmos, conversaremos.

— Eu quero que você me perdoe. Eu errei, fui ingênuo. Pus tudo a perder.

—Agora está tentando consertar. Está bem. Chega. Depois falaremos.

Estou cansada e quero dormir.

Roberto ainda tentou conversar, mas ela não quis ouvir. Deu-lhe o calmante e, graças a isso, ele logo adormeceu. Contudo, ela, deitada de costas a seu lado, sentia dentro do peito um desânimo e um vazio que, embora tentasse afastar, não ia embora e a impedia de relaxar e dormir.

13

Capítulo 2

Roberto passou os olhos pelo jornal, desanimado. Estava difícil. Ele não tinha profissão definida. Sempre trabalhara por conta própria. Não cursara nenhuma faculdade.

— Está cheio de pessoas com diploma universitário que não conseguiram subir na vida. Vivem de um emprego que mal dá para se sustentarem — costumava dizer para justificar-se de haver parado de estudar quando acabou o primeiro ciclo. — Mais vale quem conhece o mercado, quem aprende na escola da vida.

Entretanto essa escola agora não estava sendo suficiente para conseguir-lhe um emprego em que ganhasse o que precisava para sustentar a família.

O advogado ajudara-o, esforçara-se para controlar os credores, parcelando a dívida, tentando dividir o prejuízo. Mas pouco conseguiu. O juiz já havia determinado, e os compradores dos apartamentos não quiseram nenhum acordo diferente.

Roberto teve mesmo de vender o depósito e ainda ficar com algumas

prestações que teria de parar pelo menos durante cinco anos.

Ele reservou algum dinheiro para manter a família durante dois meses.

Confiava em arranjar um emprego nesse período. Entretanto, já fazia três meses que estava sem trabalhar e, por mais economia que tivesse feito, essa reserva havia se acabado.

Roberto sempre se orgulhara de dizer que Gabriela trabalhava porque gostava e que ele não precisava do dinheiro dela. Agora, no entanto, estavam vivendo com o salário dela, e ele se sentia humilhado por ter de pedir-lhe dinheiro até para comprar o jornal ou ir cortar o cabelo.

Além disso, não estava conseguindo pagar as prestações do restante da dívida, e os credores estavam sempre cobrando, alguns até dizendo que ele os estava enrolando, já que morava em uma casa boa e poderia vendê-la.

Roberto ficava agoniado. A casa era a única garantia de sua família. Se a vendesse, para onde iriam? O aluguel de uma casa, mesmo mais modesta do que a sua, era caro, e ele, desempregado, como poderia pagar?

Resistia. Vender a casa, não. Pelo menos tinham onde morar sem pagar nada.

Olhou novamente o jornal, revendo os anúncios na esperança de encontrar alguma coisa. As empresas queriam currículo e experiência de pelo menos dois anos na área, e ele não tinha nenhuma dessas duas coisas.

Gabriela ajudou-o a montar um currículo que evidenciava sua experiência como gerente do depósito de construção. Graças a esse currículo, algumas empresas o chamaram para entrevistas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Ninguém é de Ninguém"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).